

**cadernos
de teatro
n.º 13**



A ESCOLHA DO REPERTÓRIO

BÁRBARA HELIODORA

QUANDO um grupo resolve "fazer teatro", tem duas alternativas: ou leva qualquer "pecinha fácil", mal montada e pior ensaiada, que nada adianta a ninguém — ao contrário, cria um clima de antipatia na platéia — ou então começa com humildade e verdadeira dedicação e realmente contribui para este grande movimento de melhor teatro no Brasil.

A escolha do repertório, portanto, é realmente importante e deve ser feita levando em conta principalmente três coisas:

O diretor

Os atores

A platéia

Se na sua cidade nunca se fez teatro, será insensato começar com o "Hamlet" de Shakespeare ou os "Seis Personagens à Procura de um Autor" de Pirandello, pois peças assim requerem grande experiência anterior dos três elementos acima citados.

Portanto, vejamos como devemos proceder quando nos decidimos a "fazer teatro".

Fatalmente haverá um animador da idéia e um pequeno grupo que lhe será mais ligado. Entre estes estará o diretor, e será seu o problema de selecionar o repertório.

É necessário fazer um levantamento dos elementos com os quais se poderá contar, e já daí surgirão limitações insuperáveis na escolha da peça. Mas há peças boas para todo tipo de elenco.

Escolhidos já diretor e atores, pensemos na platéia, que é um fator importantíssimo. Um dos grandes fatores para o sucesso da peça é a habilidade da platéia em se identificar com o que acontece no palco. Para a platéia estreante é preciso que o tema apresentado seja muito acessível, para que possa realmente integrar-se no enredo e antecipe com prazer uma nova experiência teatral.

Isto não quer dizer que se deva começar com obras inferiores, do tipo "chanchada". Há muitas peças realmente boas que atingem todos os públicos. É preciso nem sobrestimar nem subestimar a platéia. Os problemas basicamente humanos são comuns a todos os ambientes. (Nestes Cadernos têm sido publicadas sugestões para o repertório de grupos novos.)

Quem quer fazer teatro, não deve pensar em termos de uma só peça. A 1.ª peça deve ser a primeira de uma série; é preciso que seja bem escolhida, bem ensaiada e bem montada, para que a platéia queira ver mais teatro.

Começar com integridade, embora humildemente, é o essencial. Evitem-se, a qualquer custo, os casos agudos de "estrelismo". Cada grupo deve ser uma unidade total, em que haverá rodízio de todas as funções. No palco ou nos bastidores, todos são igualmente importantes para uma produção cuidada. Com a continuidade das atividades do grupo haverá também evolução do nível da platéia. Assistir ao teatro requer hábito — quase diria treino — e a platéia guiada seguramente pela orientação

inteligente de um grupo dramático aos poucos ficará ambientada com as convenções e ilusões do teatro e, conseqüentemente, mais apta a apreciar peças de valor, mesmo que versem sôbre temas alheios ao seu ambiente normal.

Em resumo:

Muito cuidado com a seleção do repertório.

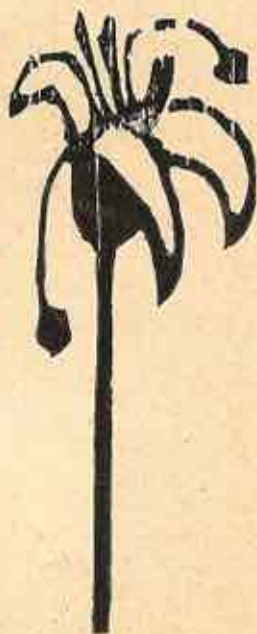
* Um diretor inexperiente terá dificuldades com peças de muitos personagens.

* Um grupo principiante não tem meios para executar montagens caras e nem mesmo cenógrafos experientes que possam encontrar soluções satisfatórias para cenários complicados.

* Atores estreantes, mesmo dotados de grande talento, são incapazes de fazer "grandes papéis", por falta de escola e experiência. Comecem portanto com peças de equipe, com vários papéis equilibrados, em que as situações por si auxiliem os intérpretes.

* Não há teatro sem público. Faça teatro para o seu público e dentro de algum tempo terá público para o seu teatro.

* Não apresse a estréia. Deixe que a peça fique realmente pronta. E quando tiver seu sucesso, lembre-se de que é melhor deixar o seu público esperar ansiosamente durante meses por uma segunda peça igualmente bem escolhida e ensaiada do que estragar um bom começo com um fracasso montado em três semanas.



«Quando aparece em cena um personagem bonito, bom, brilhante, altruista, etc., enfim, dotado de qualidades geralmente apreciadas, cada um dos espectadores - por vaidade - passará a se identificar com o personagem e terá automaticamente maior prazer naquela peça. Do mesmo modo, um problema por demais complexo ou alheio ao ambiente não permitirá essa identificação e será barreira insuperável para uma platéia estreante.»

ALLARDYCE NICOLL